



Nas Malhas dos Contos de Eduardo Mahon

O conto costuma ser leitura de fácil e agradável consumo. Quase sempre é eleito pelo leitor jovem em detrimento do romance. O contista é o mago dos acontecimentos pelas vias da rapidez, concisão, suspense desde o primeiro parágrafo e histórias muito bem encaixadas em temas inusitados.

No universo contístico de Eduardo Mahon, o ponto central das narrativas é o ser humano envolvido em situações autoimpostas ou provocadas, ao mesmo tempo armadilhas e armazenagem de traumas/delírios que costumam consumir a atenção pelo viés do prosaico, sem perda do sentido universal. O tecido de

um mundo aparente, somado ao mundo das aparências de realidades ocultas nem sempre plausíveis, os narradores são dotados de múltiplos olhares vazados numa linguagem fluida, culta, perpassada por fino humor. No despojamento do tom adotado o leitor relaciona as próprias experiências e recria universos de essências e aparências que o coloca no nível das narrativas.

Contos estranhos, de 2017, é um desses exemplos recheado de estranhamentos. Pelas malhas dos textos as misteriosas tramas aguçam a imaginação para novos textos, que recheiam uma prosa que diverte e incomoda, pois há um percurso de produção que não é casual para o leitor e, talvez, não o seja para o escritor, mas fundamenta o espaço simbólico em que se dá a representação literária. Encanta-me a dose de humanidade/desumanidade dos textos de Mahon pela qual me chega a estratégia do escritor, seus subterfúgios, seus mecanismos estruturais, suas experimentações, seus *topoi*, tão necessários ao estatuto do ficcional.

Tanto no inesperado desfecho de *Hérnia*, *O olhar de Irene*, *O irreconhecível Ernesto Fuentes*, *O caso de Mário Curi*, ou no quase momento etéreo de *A menina que roubava cores*, *Contando estrelas*, *Instinto maternal* e *Uma nova estética*, o que oscila são elementos do intangível, da loucura do mundo contemporâneo, do jogo do olhar: “No percurso, viu-se, pelo retrovisor transformar-se seu Carlinhos completamente negro, de nariz largo e os cabelos crespos” (*A mancha da família*).

À uma imagem subjaz outra(s) mediante processo mediático da experiência do

espaço, numa espécie de figuração que expõe certo efeito poético. A beleza do conjunto submete os dados materiais à ficção: “Queria ter asas. Sonhava voar [...]”. o olhar de Schüller era multifacetado: enxergava num ângulo muito mais aberto do que estava acostumado” (*A nova condição de Ibsen Schüller*). São exemplos de como a visão exerce um fascínio sobre os múltiplos narradores, ora desesperançados ora problematizadores, que montam e desmontam as perspectivas do leitor.

Permeadas pelo inusitado, as narrativas geram a absurdidade dos acontecimentos e situações imprevistas/improváveis. O inesperado, ingrediente básico das narrativas, ganha estatuto estético a partir de uma linguagem específica que funciona como ímã, carregando o leitor do princípio ao fim das histórias, ou ao seu contrário, deixando-o entre a surpresa final e as entrecortadas buscas pelos meandros que conduzem à explicação das cenas iniciais. A direção do olhar é, portanto, o imperativo poético e cognitivo que pressupõe a capacidade humana de assimilar a densidade histórica. Olhar e mente entram em sintonia, ou simplesmente, se chocam em eletrizantes imagens que permeiam os 25 contos da coletânea. Estrutura e conteúdo se unem num estilo conciso que é a própria essência do seu criador. Como se atendesse ao leitor do jornal, o instantâneo é flagrado no momento da criação: “comendo um repasto de mulherio como nunca antes, viu-se *enredado* numa espécie de maldição” (*Morpheu maldito*). Essas armadilhas narrativas são associadas aos mundos interiores das personagens, quase sempre em desalinho existencial.



Olga Maria Castrillon Mendes

Professora e pesquisadora da literatura brasileira. Autora de *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso* (Cuiabá: EdUFMT; Cáceres: EdUNEMAT, 2013); *Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso* (unemat.br/editora, 2017); *Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários* (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020) e, em coautoria, *Letras cacerenses* (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021).

olgmar007@gmail.com

Sem subterfúgios, mas coloridos; sem romantismo, mas saborosos e plenos de fluidez rítmica, alguns contos aproximam-se da contação de histórias ao rés-do-chão, como em *É hoje, Uma nova estética, O encosto, O hóspede*; outros encostam-se ao pé-de-orelha do leitor, como em *A mancha da família, O homem que sabia de tudo, A adoção dos Moura Furtado, Segunda Feira*, murmurando deliciosas fabulações.

O que oscila são elementos do intangível, da loucura do mundo contemporâneo, do duplo movimento ser/parecer, cujos fotogramas, tecidos em poucas linhas congelam imagens que se entretêm no imaginário. O resultado é certa simbiose palavra/imagem que a memória se incumba de complementar/desconstruir num jogo criativo em que a palavra se entrega no compasso sem tréguas, ao leitor. Palavra nua, livre e fina, condensada no sentido enxuto, cujas angulações captam personagens simples transformadas em figuras e fatos misteriosos tecidos pela aparente anomalia e pelo fantástico de uma literatura de tentáculos, lançada para novos e inusitados níveis de relação. Assim, são sobrepostos os focos da lente pelas aproximações e (aparente) distanciamento.

O tema do duplo, muito recorrente na literatura, está presente nos contos pelo conteúdo estético e pelos narradores colados à essência do humano. Na estrutura, dispositivos literários e linguísticos trazem um discurso fluido e, ao mesmo tempo, hermético. É justamente aí que se instaura a desacomodação gerada pela instabilidade e pela dúvida das variantes fabulações. As personagens são a representação cotidiana de um mundo conturbado e desconhecido, repleto de novidades incontornáveis. Perdidos nos próprios duplos, ou nas lutas para barrar/adiar a morte, as personagens se veem emaranhadas em fios que se entrelaçam para captar/surpreender o leitor.

As formas, portanto, alinhavam fraturas do presente, afinando a escuta como processo fundador das sutilezas narrativas, na paradoxal tarefa do escritor. Certamente, os textos constituem entidades autônomas entre si. Assim, o leitor é conduzido para as díades culturais como as que se formam entre a imagética e a experiência de linguagem; a obsessão do olhar e a tensão poética; a força atávica e o presente, dualidade de condições da própria existência como algo que se coloca entre dois pontos equidistantes, mas que se repartem, partilham e/ou consentem.

Onde reside, então, o elemento perturbador? Talvez nos confusos vestígios do “eu”, na imaginação e no pensamento humano e/ou no seu apagamento pela ruptura do óbvio e pelo predomínio de uma aguçada veia crítico-humorística. Pelas possibilidades imagéticas, o que é ritual se dessacraliza e os tabus são remexidos a ponto de se confundirem na dupla dose do linguístico e do filosófico.

Por esse motivo, os textos não se fecham; ao contrário, ressoam uns sobre outros e povoam o universo imaginário a tal ponto que se reinicia no processo (mental) da releitura. Movimento incontável tal como o descontrole da interferência nos arquivos das memórias armazenadas. Terminada a leitura, o leitor continua a tecer as possibilidades/impossibilidades das histórias.

O crítico de arte Giulio Carlo Argan lembra que é enquanto problema dotado de uma perspectiva histórica que uma obra sobrevive porque é constantemente revisitada, ressignificada pelo juízo contemporâneo. Então, a melhor forma de ler um texto é interrogá-lo, dar voz a ele, pois os sentidos estão no que *poderia ser* e não no que é.